

Capítulo 1

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo descrever as contribuições do Movimento Manguebeat para a Moda no estado de Pernambuco, nos últimos 12 anos, através de um levantamento que pretende sinalizar o que foi o Movimento (ou Cena) Mangue e a chamada Moda Mangue (ou *Mangue Fashion*). A pesquisa busca relatar os traços que identificam esta moda como fruto de uma expressão cultural e regional, fazendo um paralelo com outras expressões de moda provenientes de manifestações culturais ligadas à música, como também, aos chamados grupos jovens, no Brasil e no exterior. Examina Também, as influências exercidas desta moda sobre outros trabalhos de moda, direta ou indiretamente, no Estado. A dissertação aponta os participantes e faz uma análise da relação entre esta moda chamada de Mangue e a indústria de confecção em Pernambuco.

No ano de 2003 fui selecionada para participar de um programa de consultorias voltado a empresários de confecções de diversas cidades brasileiras. O projeto contava com o apoio de instituições nacionais e regionais, como SEBRAE, SENAI, e o Ministério da Indústria e Comércio. As regiões a serem visitadas eram denominadas de Pólos, e o primeiro Pólo que visitei fica no agreste pernambucano, a cerca de duas horas e trinta minutos da capital, Recife. Confesso que não acreditei que naquele lugar tão quieto, poderiam existir tantas confecções como os meus receptores me diziam. Porém, fiz o ciclo de palestras e voltei ao Rio de Janeiro.

Algum tempo depois, fui informada de que voltaria a Pernambuco, só que agora seria um trabalho de 2 meses, no qual atenderia 10 empresas, fazendo consultorias e palestras de treinamento sobre a gestão do design de Moda. Cheguei à região para esta segunda etapa sem muitas expectativas, porém, o que encontrei mudou completamente todos os meus conceitos sobre produção de Moda no Brasil.

A cidade que atendi, chamada Toritama, simplesmente era a maior produtora de *jeans* do Nordeste, chegando a ser a segunda maior consumidora de metros lineares de *jeans* do país. Pelas ruas, todas as casas estavam abertas e deixavam ver em seus interiores pilhas de peças sendo confeccionadas. Os quintais eram recheados de outras tantas peças, as fábricas exibiam caixas e mais caixas. Eu nunca tinha visto uma produção tão grande e desordenada. Por toda parte o que eu via era *jeans*, de todos os tipos, um mundo de *jeans*!

Entretanto, essa produção acelerada escondia diversas dificuldades enfrentadas na região, como por exemplo, a falta de água. A confecção de *jeans* depende de uma série de processos, e o principal deles é a lavagem, e uma lavanderia pode consumir cerca de 120.000 litros de água. Em Toritama existem aproximadamente 110 lavanderias, contudo, a cidade sofre com o abastecimento precário de água. As lavanderias locais driblam esta dificuldade através da compra de caminhões pipa, ou seja, uma lavanderia consome em média 20 caminhões por dia, o que pode variar de acordo com a sua produção.

Outro problema enfrentado na cidade é a falta de profissionais especializados, principalmente, para os setores de modelagem e criação. Porém, esta carência acontece em todo o Estado, inclusive, na capital. Esta falta de mão-de-obra era apontada como um fator que limitava a expansão do Pólo para outros mercados (na época, o Pólo já se queixava da necessidade de diversificar os produtos em *jeans* e atingir outras clientelas). Esta necessidade de expansão poderia ter como apoio o trabalho de criação e desenvolvimento de produto, que auxiliaria no estudo de produtos com foco em outros mercados, além de ajudar, também, na busca por uma identidade nesta criação, que respeitasse características locais (pois a falta de “identidade” era outra reclamação generalizada).

Em contrapartida, havia Recife. Cidade com um passado cultural rico, ativa e que tive a oportunidade de visitar várias vezes durante o período em que estive em Pernambuco. Lá, conheci muitos artistas, designers e histórias fascinantes sobre o Movimento Mangubeat. Este Movimento ou Cena foi outra grande descoberta. Pois a cidade de Recife que conheci era orgulhosa de si mesma, dinâmica, criativa e me parecia extremamente ligada a este movimento. Ao conhecer Recife entendi que estava lidando com universos diferentes e distantes. Muito mais distantes do que as duas horas e trinta minutos percorridos pelo carro. Havia uma distância cultural entre os que produziam Moda em Recife e no Pólo do Agreste que duplicava qualquer quilometragem.

Foi então, que comecei a me questionar sobre porque o Mangubeat e toda a efervescência cultural de Recife estavam tão distantes desta produção do Pólo como referência criativa. E também, comecei a querer entender o que era essa tal Moda Mangu que muitos falavam: Um estilo? Uma forma de produção? Uma Moda passageira? Enfim, o que isso significava no meio da Moda pernambucana? E outra dúvida surgiu: O que é Moda pernambucana? Se ela existia, então o que era ela?

Todas essas perguntas aguçaram minha curiosidade de tal modo que quando percebi já possuía um vasto material de

pesquisa. E na medida que lia e relia o material, fui descobrindo outras vertentes da Moda, mais interessantes que o seu processo ou a sua forma em si. Essas vertentes eram os discursos que regiam esta Moda pernambucana.

E assim, antes mesmo de entrar para o processo seletivo do mestrado, várias perguntas latejavam em minha mente. A pesquisa que em seu início focava as formas, os processos e o próprio movimento, deu espaço para as questões, que me pareciam mais abrangentes: os mitos, os discursos de poder e a institucionalização destes discursos.

Metodologia

Para esta pesquisa foi utilizada uma combinação de recursos metodológicos (levantamento bibliográfico, entrevistas, visitas à cidade de Recife e outros), que foram sendo definidos com a evolução do trabalho e as suas necessidades. Houve uma grande dificuldade no levantamento de dados devido ao pouco material desenvolvido sobre a Cena Mangue, e mais ainda, sobre a Moda Mangue. Sobre a Cena, especificamente, foi encontrado apenas um livro, e sobre a moda Mangue apenas duas dissertações, onde uma descreve o processo criativo de um dos estilistas participantes. Quanto à outra dissertação, infelizmente, não foi possível o acesso ao material (apesar das inúmeras tentativas). Isso é tudo o que foi encontrado como fonte de informação relevante.

A base teórica do trabalho contempla autores de áreas próximas ao tema central (Moda e Música) e às suas implicações. Para a questão da identidade na pós-modernidade a pesquisa recorreu a dois autores principais: Stuart Hall e Michel Maffesoli. Stuart Hall é referido devido aos seus trabalhos sobre identidade cultural, e, Maffesoli, pelos trabalhos que contemplam ética, estética e comportamentos de grupos, chamados também de tribos pelo autor.

Quanto às questões referentes às análises dos discursos, tanto do Mangue quanto os institucionais, os autores usados como apoio, foram: Roland Barthes, Lacan e Foucault. E por fim, no que tange às noções de campo, Pierre Bourdieu foi o autor de referência.

Já no segundo capítulo (onde a proposta era traçar os perfis dos movimentos musicais), diversos autores foram usados devido às poucas publicações que contemplam as

relações estéticas, formais e, sobretudo, funcionais¹ entre a Moda e a Música.

Contudo, as principais contribuições a esta dissertação são, sem dúvida, os trabalhos acadêmicos e os periódicos, que falam sobre a história de Pernambuco, do movimento Manguê e da Moda no Estado (capítulo 1 e 3, especialmente).

Foram realizadas três viagens à cidade de Recife e uma ao Pólo do Agreste durante o ano de 2004. A primeira colaborou para a fase inicial de coleta dos dados e a identificação das pessoas a serem entrevistadas. Nesta, foram realizados os primeiros contatos telefônicos e a primeira entrevista, com Renato L., que, juntamente com Alessandra Oliveira², forneceram cópias do acervo da ONG “A Maré Encheu”³, a qual ambos coordenam. Logo em seguida, durante a mesma viagem, a pesquisadora visitou a biblioteca da UFPE⁴, o que permitiu a aquisição de cópias das teses e dissertações desenvolvidas nesta Universidade.

A segunda viagem permitiu efetuar o mapeamento dos nomes que participaram da produção de Moda em Pernambuco no período pesquisado (entre 1994 e 2006), e identificar a relevância e a contribuição de cada nome como, também, fazer contato com os mesmos. Ainda nesta segunda viagem, a pesquisadora visitou as cidades de Toritama e Caruaru, no Pólo do Agreste, pois naquela época estava ocorrendo a feira de Moda da região do Agreste. Na terceira, e última viagem, aconteceram as entrevistas com os representantes das instituições, além de um levantamento dos principais periódicos (basicamente os mensais e os jornais diários), e por fim, a pesquisadora assistiu aos shows das bandas do Manguê que ocorriam na cidade de Recife.

O levantamento bibliográfico, além de contar com as teses e dissertações pernambucanas, contou também com trabalhos acadêmicos da PUC-Rio⁵ e uma vasta pesquisa em periódicos⁶, em material de mídia eletrônica⁷ e com acesso ao acervo pessoal dos entrevistados. Para as entrevistas, foram utilizados questionários com perguntas abertas, porém

¹ O termo “funcional” é aqui usado para indicar a função de comunicação da Moda dentro de movimentos culturais.

² Renato L. um dos fundadores do Movimento Manguê e Alessandra Oliveira empresária do grupo mundo livre S.A., no qual o vocalista (Fred04) também é um dos fundadores do Manguê.

³ A ONG “A maré encheu” funciona em forma de site que objetiva centralizar todas as informações sobre o Manguê em caráter oficial

⁴ UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

⁵ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

⁶ Principalmente nos arquivos do Jornal do Commercio de Pernambuco, que montou um especial no mês de setembro sobre moda no Estado, em anexo.

⁷ Como o especial do JC On-line (Jornal do Commercio eletrônico) (Tu me ensinas a fazer renda) que a pesquisa conseguiu uma cópia em CD diretamente com a jornalista responsável pelo projeto, Inês Calado.

direcionadas para o tema Moda. Já as fotos, foram feitas ao longo das viagens, e contaram com a colaboração de amigos e alunos da pesquisadora.

1

O Maguebeat e a Magueatown

Antes de falarmos da Cena Mague, voltaremos um pouco no tempo para entendermos melhor o próprio Estado de Pernambuco.

Pernambuco teve sua história marcada por lutas e decadências, tendo sido também muito expressivo no último século pelas manifestações culturais.

Quando ainda era a capitania mais lucrativa do país e maior produtor mundial de açúcar, no século XVII, foi dominado pelos holandeses. Esses tinham suas bases em Recife e Olinda, durante os anos de 1630 a 1654. Nesse período, com o governo do Conde João Maurício de Nassau, realizaram-se várias obras de urbanização.

Nassau investiu em diversas áreas, trazendo do exterior cientistas, arquitetos, engenheiros e artistas, o que promoveu um grande avanço na região. Seus investimentos e as tentativas frustradas de dominar a Bahia fizeram com que Nassau fosse substituído por uma junta de administradores, que não tiveram a mesma habilidade em lidar com a população. Rapidamente, com o descontentamento do povo, os fatos levaram à expulsão dos holandeses pelos portugueses.

Entre os séculos XVII e XVIII ocorreram mudanças de ordem econômica e de ordem social. Primeiro, o Estado perde a hegemonia na produção de açúcar, perdendo também a atenção por parte da metrópole (Portugal) com a descoberta de ouro em Minas Gerais. No campo social, ocorre a primeira e, talvez, a mais importante ação de resistência da história do Brasil: o Quilombo dos Palmares. Situado em uma área próxima ao estado de Alagoas, o Quilombo chegou a reunir cerca de 20 mil pessoas, tornando-se uma grande ameaça ao equilíbrio político e econômico da região. Teve seu fim com a tomada da Serra da Barriga (em 1694) e com a morte de seu líder Zumbi, já em 1695. O Quilombo é ainda uma das maiores inspirações resistencialistas de todos os excluídos. Nesse período, a elite canavieira (residente em Olinda, antiga capital) entra em declínio. Já os comerciantes (os mascates, residentes em Recife) haviam enriquecido, chegando a emprestar dinheiro à nobreza endividada. Começa então uma busca por maior autonomia política, e os portugueses-recifenses (os mascates) conseguem elevar Recife à categoria de vila, o que foi

tomado como um desafio à aristocracia de Olinda. Essa movimentação culminou na invasão do Recife pelos olindenses, e na dissolução da câmara municipal. Porém, logo os mascates se revoltaram e restituíram a condição de vila ao Recife. Esse episódio ficou conhecido como a “Guerra dos Mascates”.

No começo do século XIX, no mesmo período em que a economia do Estado apresentava melhoras, a família real chegava ao país, trazendo com ela um aumento de impostos para sustentar a opulência da corte. Repletos de idéias revolucionárias, influenciados pelo Iluminismo francês, o povo pernambucano se viu incitado a uma revolta separatista contra essas mudanças, a “Revolução Pernambucana”. Foi criada então, a “República de Pernambuco”, contando em seguida com a adesão da Paraíba e do Rio Grande do Norte. A corte logo reagiu condenando os revolucionários à prisão e os líderes à morte. Como última medida, separou uma parte do território de Pernambuco, dando origem ao que hoje é o estado de Alagoas.

Em 1822, com a independência do país, os ânimos voltam a despertar no estado; em 1824, com o “Manifesto da Confederação”, é deflagrada outra revolução, com o apoio da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, tendo como base provisória a constituição da Colômbia. Essa se chamava “Confederação do Equador”, e durou apenas dois meses. Novamente, como punição imperial, Pernambuco perde uma parte de seu território para a Bahia, uma parte fecunda banhada pelo rio São Francisco.

A última revolução antes do fim do império, foi a “Revolução Praieira”, que consistia na revolta dos integrantes e simpatizantes do Partido Praieiro (representante de interesses populistas de classe média) que tinham também o apoio do jornal “Diário Novo”. A revolução se deu devido à intervenção do imperador, nomeando um governador conservador para a província, mantendo privilégios para a aristocracia do açúcar e os comerciantes portugueses, e despertando assim a insatisfação dos praiheiros. Iniciada em 1848, a revolução foi finalizada pelas tropas do exército imperial em 1849.

Com o país sob um novo regime político e novo foco econômico, veio o fim do império do açúcar; Pernambuco, habituado à monocultura, não conseguiu se adaptar às exigências de uma república industrial que começava a se delinear, com exceção de um pequeno pólo cotonifício (plantações de algodão). O Estado, que foi a mais lucrativa capitania, chegou ao final do século XX com os piores resultados de indicadores sociais.

“O desvario irresistível de uma cínica noção de ‘progresso’, que elevou a cidade ao posto de “metrópole”

do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade (...) nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada à permanência do mito da “metrópole”, só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano” (Parte integrante do primeiro manifesto Mangue, “Caranguejos com Cérebro”, escrito por Renato L. E. Fred 04 In: Da lama ao caos, Chico Science & Nação Zumbi.)

No final do último século, Recife atingiu a marca de quarta pior cidade do mundo em qualidade de vida, com metade de sua população morando (e ainda moram, segundo dados do IBGE) em favelas e alagados. Esse breve histórico de resistência do “Leão do Norte”⁸, reflete-se também nas manifestações culturais.

A começar pela *Escola do Recife*, em 1862, que foi um movimento cultural originado na Faculdade de Direito de Recife e que ganhou ampla repercussão. Marcadamente heterogêneo, contou com a participação de nomes como Castro Alves, Tobias Barreto, Clóvis Beviláqua, entre outros. Baseado inicialmente no Positivismo e no Evolucionismo, passou por quatro fases e chegou ao fim em 1914, com a morte de seu último diretor, o sociólogo Sílvio Romero. A Escola do Recife contribuiu com idéias poéticas, filosóficas, críticas, científicas e jurídicas.

Na década seguinte, nos anos 20, surgiram em todo o país os chamados “ciclos de cinema”. Em Pernambuco, com base em Recife, foi realizado um dos ciclos que produziu um total de 13 filmes em 8 anos de atuação. Seus diretores foram, inicialmente, curiosos amadores que investiram na nova arte, trazendo de viagens equipamentos que possibilitavam a execução dos mesmos.

Paralelamente, em 1923, o “Movimento Regionalista” começava a se delinear. O movimento se fundamentava na defesa dos valores regionais e, principalmente, na tradição que eles representavam. No entanto, se considerava modernista, no sentido de renovação, sem desprezar o passado. Seus integrantes ajudaram a realizar, em 1926, o primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, com o lançamento do manifesto redigido por Gilberto Freire, o “Manifesto Regionalista”. Este contou com nomes como José Lins do Rego e José Américo de Almeida, além de outros nomes de expressão.

Outra manifestação ocorre em 1946, com o “Teatro do Estudante de Pernambuco”- TEP. O TEP teve como principal articulador Hermílo Borba Filho, e seu propósito era descobrir e resgatar autores regionais, principalmente os que estavam preocupados com a problemática do homem do nordeste. O TEP era formado basicamente por alunos da

⁸ Apelido dado ao Estado por sua trajetória de lutas, mitos e lendas da região.

Faculdade de Direito de Recife que exerciam atividades artísticas paralelas, como o pintor (e designer) Aloísio Magalhães, o romancista Gastão de Holanda, o músico Capiba e o escritor Ariano Suassuna. O grupo chegou ao fim com a mudança de Hermílo Borba para São Paulo.

Com sua volta em 1960, Hermílo Borba cria uma nova companhia, o Teatro Popular do Nordeste, que defendia uma arte porta-voz da coletividade e contra um teatro acadêmico e frívolo. Conseguindo reunir novos nomes e alguns do antigo grupo, entre eles Suassuna, o mesmo agora completava sua atividade teatral, chamada de “função do espírito e alcance cultural”, com poetas, pintores, músicos e escritores.

Mesmo sendo silenciado muitas vezes pela ditadura, o Teatro Popular do Nordeste atuou até o ano de 1975. Hermílo propôs as bases de uma estética teatral nordestina e contribuiu fortemente no trabalho de pesquisa e experimentação cênica, priorizando a cultura regional.⁹

Por fim o último grande movimento cultural pernambucano antes da Cena Mangue, foi o Armorial. Em 1970, durante um evento na Igreja de São Pedro dos Clérigos, em que se reuniu uma exposição de Artes Plásticas e um concerto, com uma orquestra de câmara tocando peças baseadas em temas populares nordestinos, surgia o “Movimento Armorial”. Ariano Suassuna, que na época era professor de estética na Universidade Federal de Pernambuco, foi seu principal idealizador.

A palavra escolhida pelo escritor Suassuna para nomear o movimento é um substantivo que significa: “*livro onde vem registrado os brasões*”¹⁰. O Armorial pretendia, através de expressões artísticas refinadas, mas com base nas raízes populares do Brasil, criar uma arte brasileira erudita. Propunha uma união entre nossa herança ibérico-medieval e os elementos do folclore popular, visava elaborar uma estética nacional culta partindo da tradição do povo.¹¹

Com o país sendo dominado pela cultura norte-americana e com aval da ditadura, o movimento foi uma expressão de resistência da cultura nacional, devido ao fato de lutar também contra a descaracterização da cultura brasileira. Expandiu-se na Literatura, Dança, Teatro, Artes Plásticas e Música; entre os seus nomes estão Francisco Brenand (Artes Plásticas/Escultura) e Antônio José Madureira (Música). Alguns artistas já trabalhavam com idéias semelhantes ao Armorial, que atuou como aglutinador de criações e criadores.

⁹ Silveira, R., *Mangue: uma grande ilustração da narrativa pós-moderna*, dissertação de mestrado, departamento de Letras, PUC-Rio, 2002.

¹⁰ HOLANDA, A.B., *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, p. 134.

¹¹ Cf. nota 3 deste capítulo.

É importante observar que o movimento é contemporâneo à Tropicália, e podemos encontrar seus reflexos em produções de diversos artistas nacionais. Hoje, Ariano Suassuna percorre o país apresentando suas aulas-espetáculo, e ainda leciona na Universidade Federal de Pernambuco, na disciplina de Estética. Atualmente, o maior representante do movimento é o multiartista Antônio Nóbrega, ex-integrante do Quinteto Armorial.

1.1. Da Cena ao Movimento

1.1.1. A Cena

No início da década de 90, um grupo de jovens organizava os primeiros eventos ligados à Cena Mangue em Recife. Apesar de muita agitação, poucos que assistiam sabiam do que se tratava realmente.

Entre os organizadores, estavam Fred Montenegro (o “Fred 04” – zero e quatro são os últimos algarismos do seu documento de identidade), que já liderava o grupo *mundo livre S.A.* (ainda com a participação do músico Otto), e Chico Science. Ambos são considerados os grandes representantes da Cena, porém, Chico tornou-se ídolo após sua morte.

Francisco Assis de França (ou Chico Science – apelido que recebeu por ser considerado um químico nas misturas musicais), tocou inicialmente com a banda Lamento Negro¹², que mais tarde (contando ainda com alguns integrantes da antiga formação) passou a chamar-se “Chico Science & Nação Zumbi”.

Esse período também é considerado, por alguns, como os anos da retomada do orgulho Pernambucano. Orgulho por ser berço da construção do movimento cultural de maior importância no país na década de 90, e por esse ser considerado de “bases populares”¹³.

Durante algum tempo, esse grupo de amigos se reunia em um apartamento para trocar idéias sobre música e informações em geral. Esse grupo pode ser chamado de célula núcleo do Mangue, pois continha grande parte dos artistas envolvidos com a fase inicial e estrutural da Cena.

¹² Grupo afro ligado ao Centro Comunitário Daruê Malungo (que em língua iorubá significa “companheiro de luta”), instituição que funciona como núcleo de apoio à criança e à comunidade carente de Chão de Estrelas, bairro da zona norte do Recife.

¹³ Silveira, R., *Mangue: uma grande ilustração da narrativa pós-moderna*, dissertação de mestrado, departamento de Letras, PUC-Rio, 2002.

Dos encontros participavam estudantes de jornalismo (Fred 04 e Renato L.), designers (Dj Dolores ou Helder, e HD Mabuse), funcionários públicos e privados (Jorge du Peixe e Chico Science), videomakers amadores, artistas plásticos e outros. Independentemente da ocupação, todos estavam ligados à música, direta ou indiretamente.

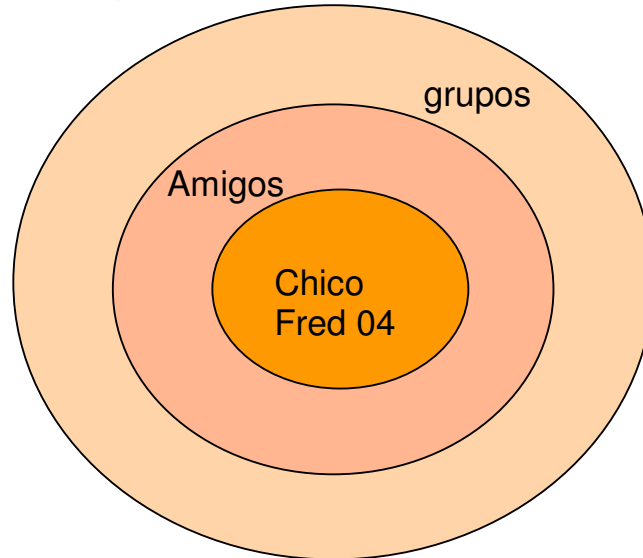


Figura que mostra a importância como elementos centrais, de Chico e Fred 04.

Paralelamente, Chico desenvolve sua nova batida, muito influenciada pelo som do grupo Lamento Negro, e começa sua junção de ritmos, que finalmente chamou de Manguê.

Segundo conta o texto *Arqueologia do Manguê*, foi em uma mesa de bar que Chico contou aos amigos: “*mixei* uma batida de *hip-hop* com o *groove* do maracatu e ficou bem legal. Vou chamar isso de manguê!”¹⁴. O grupo, entusiasmado com a proposta do novo estilo, começa a pensar na possibilidade de transformar aquele som em algo mais, algo que movimentasse a cidade. Algo como uma Cena Cultural que privilegiasse a diversidade cultural, pois a idéia de Cena já os influenciava através da Cena de Manchester e do movimento Punk. Esse tipo de ambiente, que é compreensível em uma cidade cosmopolita como Londres, ainda era difícil de se imaginar em uma cidade pós-coronelista como Recife¹⁵.

“A gente pensou desde o início como cena, até porque, na verdade, a gente nem chegou a pensar. No início da

¹⁴ Lins, R., *Arqueologia do Manguê*. In: Manguetronic (www.manguetronic.com.br)

¹⁵ Silveira, R., *Manguê: uma grande ilustração da narrativa pós-moderna*, dissertação de mestrado, departamento de Letras, PUC-Rio, 2002.

movimentação toda, era muito mais visando uma coisa de diversão, de curtidão, de farra, do que de criar um movimento e tentar romper com alguma coisa. Não era nada muito refletido nem pensado. A gente se baseou em coisa legais que a gente tinha como referência de cenas espalhadas pelo mundo e que ajudaram a marcar um tipo de evolução na história da cultura pop, como por exemplo, a cena de Manchester na Inglaterra, a cena da Jamaica, a cena da World Music na França, a cena do hip-hop nos guetos de Nova York e até mesmo a cena de Seattle, que não era uma coisa muito espontânea” (Fred 04, em entrevista a esta dissertação, vide anexo).

Mesmo assim, os meninos do Manguê prosseguiram e adotaram o “estar junto”, o “reunir-se para trocar idéias” e a vontade de fazer algo, como base da estrutura Manguê.

“(...) a gente viu que tinha uma possibilidade de ter um gancho comum pra tudo que é esta história de ser uma mesma cidade e ter um componente geográfico forte, que é o manguê, que tem essa característica da diversidade dos manguesais. A gente viu que isso era um caldeirão, era um caldo cultural que favorecia se criar um cenário. Era mais cena neste sentido. (idem anterior)”

Deram início, então, às ações de cooperação interna, atividades compartilhadas e complementares dos membros a fim de um objetivo comum.

Na busca de termos que definam e expliquem o que foi a Cena, não podemos simplesmente chamá-lo de “Cooperativa Manguê”, devido às características descritas acima, pois tal palavra (“cooperativa”) transmite uma idéia institucional que não condiz com a Cena de Recife.

Outro termo amplamente utilizado, mas que é até hoje rejeitado por todos os integrantes da Cena, é “movimento”. Por diversas razões. Uma delas é o fato da palavra “movimento” pressupor estatutos estéticos, o que é praticamente impossível de ser determinado, segundo os integrantes¹⁶. Eles argumentam que a principal diretriz da Cena Manguê é justamente a diversidade e a mistura entre diferentes estilos e formas; assim, o termo “movimento” nunca foi aceito. A partir desse exemplo, observamos como é difícil a tarefa de tentar definir um termo que resuma claramente o que foi a Cena Manguê, em seu surgimento ou auge.

Quanto à nomenclatura, alguns afirmam que a escolha do nome “Manguê” para um movimento cultural em Recife era quase óbvia, e que foi estranho isso não ter acontecido antes. A cidade de Recife é banhada por rios e erguida sobre manguezais, e a relação entre a população e o manguê é de

¹⁶ Segundo entrevista de Renato L., em anexo.

grande intimidade, o que por si só, já justificaria a escolha. Mas a Cena Mangue possui apelidos e diversas grafias: “*Manguebeat*”, fazendo referência à batida, “ritmo” (*beat*) em inglês; “*Manguebit*”, em relação ao *bit* de computador, pois utilizava batidas eletrônicas e *samplers* em suas misturas e exaltava o uso da tecnologia e da informação (procurando sempre meios de se divulgar), chegando a ser mencionado em uma das músicas¹⁷. É com inspiração nesse trecho que temos a imagem símbolo da Cena, a antena parabólica enfiada na lama; e, por último, simplesmente “Mangue”.

Chegou a ser criada uma história em quadrinhos, narrando uma trama fictícia onde homens de uma determinada localidade se tornaram *homens-caranguejos*, desenvolvida pelos designers Helder Aragão e Hilton Lacerda (ou Dj Dolores e Dj HD Mabuse), que na época formavam a dupla Dolores & Morales. A história fez parte do encarte do álbum *Da lama ao caos*, e fala sobre os cidadãos que, com a energia do mangue, sofrem uma mutação genética, tornando-se um ser metade caranguejo, metade homem.

Entretanto, o que parecia ficção tinha base em uma realidade amarga dos manguezais: o ciclo do caranguejo. O ciclo foi narrado por Josué de Castro¹⁸ no romance *Homens e Caranguejos* de 1967.

“... os mangues do Recife são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem e o mangue foi feito para o caranguejo. Tudo aí é, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama as carinhas brancas de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a dos seus filhos. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como um detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez. (Castro, Josué de. *Homens e Caranguejos*, pág 28 e 29)”

A obra de Josué é utilizada como referência em vários trabalhos do Manguebeat. Principalmente em analogia à relação entre uma Recife decadente e suas novas possibilidades criativas (como a lama suja gerando vida). O

¹⁷ “*Computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro*”, *Da lama ao Caos*. Chico Science & Nação Zumbi, 1994

¹⁸ Autor conhecido por sua obra humanista e política, escreveu “*Geografia da Fome*” que se tornou grande ferramenta para os estudos sociais.

nome de Josué é citado em uma das canções de Chico Science.¹⁹

Como no quadrinho criado, onde os homens sofrem metamorfose, mudanças também ocorriam nos adeptos do Manguê e habitantes da *Manguetown* (apelido dado a Recife pelos integrantes da Cena). A idéia de um *homem-caranguejo* funcionou como modelo de identificação para a Cena, e com isso, criaram desde uma nova forma de cumprimento até uma nova linguagem verbal (foi desenvolvido um dialeto próprio), expressões corporais (em especial na dança) e artísticas em geral, e também uma indumentária bem característica. Surgiam, então, os *mangueboys* e as *manguegirls*.

“Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em quadrinhos, tv interativa, antipsiquiatria, Bezerra da Silva, Hip-Hop, midiotia, artismo, música de rua, John Coltrane, acaso, sexo não virtual, conflitos étnicos e todos os avanços da química aplicada no terreno da alteração e expansão da consciência.”
(manifesto Caranguejos com Cérebro, Fred 04 e Renato L., 1992).

Vale notar que, a partir desse período até os dias de hoje, em Recife, encontra-se muitas pessoas usando camisas com a bandeira de Pernambuco ou a foto de Chico Science em relação a imagem de *Che Guevara* ou *Bob Marley* (esses que são os campeões nas estampas de camisetas no Brasil)²⁰.

Definido o nome e o conceito daquilo que ainda não sabiam o que era exatamente, a Cena Manguê, o grupo começou então a articular reuniões que muito mais pareciam encontros divertidos, do que uma atividade engajada. Com a organização de festas, pequenos shows e uma espécie de feira (similar ao Mundo Mix²¹) começam a levantar receita e a divulgar aquilo que seria a Cena. E o que era diversão, acabou então se tornando uma opção de atividade para aqueles jovens.

Jovens esses que, diferentemente do que muitos acreditam, não estavam tão distantes de uma atividade intelectual ou entregues à miséria absoluta. Isso porque parte dos integrantes, mesmo não pertencendo a uma elite financeira, tinha acesso ao ensino superior, o que em uma cidade como Recife, na época classificada como a “quarta pior do mundo”, era fator determinante no posicionamento

¹⁹ “Oh Josué eu nunca vi tamanha desgraça. Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”. Da lama ao caos. In: *Da lama ao Caos*, Chico Science & Nação Zumbi.

²⁰ O que pode ser facilmente constatado a partir de uma simples observação nas ruas.

²¹ Feira onde designers ainda não estabelecidos no mercado formal vendem seus produtos, desde decoração à Moda, passando por acessórios e outros pequenos itens.

social e intelectual. Segundo o relatório produzido pela UFPE e o SEBRAE/PE²² esse perfil sócio-cultural também é visto no público Mangue, e o qual detalharemos adiante. Os fatos acima nos fazem pensar sobre “bases populares” da Cena, mencionada anteriormente²³.

Essa facilidade de acesso à informação, mesmo que ainda precária, ajudou o grupo na formação de uma crítica à apatia cultural e às condições sócio-econômicas do Estado nos anos 90. Como declarado em entrevista por Renato L. (um dos principais articuladores da Cena, chamado de “ministro das comunicações do Mangue”), a única opção da classe média esmagada recifense, naquele período, era deixar o Estado em busca de estudo e oportunidades de trabalho. E sair de Pernambuco era o que eles não queriam ou não podiam.

É nesse momento, enquanto a Cena se articula, que chega às mãos de Fred 04 e Chico a pesquisa do Instituto de Estudos Populacionais de Washington, classificando Recife como a quarta pior cidade do mundo para se viver. No mesmo ano, o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) mostra que Recife havia conseguido se manter isolada como a cidade campeã em desemprego no país por dez anos consecutivos. Fora o que já mencionamos, o fato de metade da população viver em favelas e palafitas.

“Imaginem o efeito devastador que uma situação como essa pode provocar na alma de uma comunidade com mais de 400 anos de história e que só neste século havia gerado nomes da dimensão de Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Josué de Castro e João Cabral de Melo Neto”.²⁴

²² Relatório de Avaliação sobre a Economia dos Produtos Culturais do Mangue em Pernambuco. Fundação de Apoio ao Desenvolvimento-FADE/UFPE e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE/PE.

²³ É importante frisar que, ainda hoje há uma crença no surgimento da Cena Mangue na periferia, como um movimento cultural de origem genuinamente popular e periférica. Mas, observando com mais atenção a história dos primeiros integrantes da Cena, o que notamos é que ela nasce de um grupo intelectualmente ativo; mesmo desfavorecidos financeiramente, fazem parte de uma camada privilegiada pernambucana (a que tem acesso ao ensino médio e superior). Só em um segundo momento, temos a presença de integrantes da periferia de Recife, desfavorecida educacional e financeiramente. E, em um terceiro momento, a adesão da massa popular. O que é negável, porém é que rapidamente a Cena contagiou e foi abraçada pela periferia. Esses fatos podem estar ligados à questão do orgulho, da necessidade de crença em novas possibilidades ou outros fatores, mas isso já é tema para uma próxima dissertação.

²⁴ *Quanto vale uma vida*, segundo manifesto Mangue escrito por Renato L. e Fred 04, logo após a morte de Chico.

Tudo isso começa a dar à Cena contornos políticos, em letras de músicas que questionam as condições de sobrevivência do homem que vive do mangue, e surgem, também nas canções, críticas e declarações de amor à cidade do Recife. Essas canções falam do cotidiano e de visões locais sobre os problemas sociais e a diversidade cultural, temas muito comuns e próximos ao cidadão recifense. Talvez tenha sido por esse caminho que as camadas populares identificaram-se rapidamente com a Cena, fazendo o movimento ganhar enormes proporções em velocidade recorde.

Nos *shows* que eram realizados, a preços extremamente acessíveis, os músicos contavam com o trabalho de todo o grupo. Uns desenvolviam os cartazes, outros preparavam os instrumentos, outros produziam as roupas das bandas; vendiam esculturas, roupas, bijuterias, faziam performances e todos dividiam o mesmo espaço. Quase um “bazar-show”: a finalidade era que todos pudessem se promover ao mesmo tempo em que se apoiavam. Em menos de um ano os meninos do Mangue já eram conhecidos em toda a cidade, e suas apresentações, apesar de não serem divulgadas em rádio ou outro meio de comunicação de massa, eram ansiosamente aguardadas.

Nesse momento, a Cena já estava configurada em Recife. O grupo tinha como propósito realizar o maior número possível de produções culturais (e essas aconteciam sem nenhum apoio ou financiamento, fosse empresarial ou governamental), para assim poder acelerar a divulgação e a receita, possibilitando mais e mais shows.

Haviam então, encontrado a saída para escapar ao marasmo da cidade.

“... Para todos os agentes e operadores culturais que viam seu talento e potencial atrofiados pela desmotivação, era o estímulo concreto que faltava. Afinal, queiram ou não, discos Pops lançados por multinacionais movimentam várias áreas de expressão ao mesmo tempo: moda, fotografia, design, produção gráfica, vídeos, relações públicas, assessoria, imprensa, marketing, música e etc. Daí em diante, pode-se dizer que teve início um efetivo “renascimento” recifense. Todo mundo gritou mãos à obra! E partiu para o ataque. As ruas viraram passarelas de estilistas independentes; bandas pipocaram em cada esquina; palcos foram improvisados em todos os bares; fitas demo e clipes novos eram lançados toda semana, e assim por diante, gerando uma verdadeira cooperativa multimídia autônoma e explosiva, que não parava de crescer e mobilizar toda a cidade. De headbangers a mauricinhos, de punks a líderes comunitários, de surfistas a professores acadêmicos, ninguém ficou de fora”.²⁵

²⁵ *Quanto vale uma vida*, segundo manifesto do Mangue.

O que fortaleceu a explosão nacional da Cena foi o fato de ter sido literalmente abraçada por todos na cidade, como afirmou Chico em uma entrevista à Folha de São Paulo. Mesmo que a Cena seja ainda lembrada apenas como movimento musical.²⁶

E a Cena, já estabelecida, tomava conta das mais diferentes expressões artísticas e culturais. Dois exemplos são a Moda e o Cinema. Neste último, após 18 anos sem a realização de um longa-metragem pernambucano, surgia um movimento na sétima arte apelidado de *Árido Movie*. Em 1996 foi produzido o filme *O Baile Perfumado*, dirigido por Lírío Ferreira e Paulo Caldas, participantes da Cena que receberam apoio de todas as partes, dos integrantes da “cooperativa Manguê” até o Governo do Estado.

Da operação das câmeras ao figurino, quase tudo em *Baile* foi produzido com mão de obra local, e sua trilha sonora foi elaborada exclusivamente pelas bandas do Manguê. O filme foi premiado no 29º Festival de Cinema de Brasília. Os curtas também tiveram espaço, com produções como: *Simão Martiniano – o camêlo do cinema*, de Hilton Lacerda e Clara Angélica, *Clandestina Felicidade* de Marcelo Gomes e Beto Normal (este, também estilista da Moda Manguê), *Texas Hotel* de Cláudio Assis (que em 2003 lançou *Amarelo Manga*) entre outras produções.

A Moda, no entanto, é considerada uma das expressões que melhor representa o Manguê, entretanto, falaremos dela mais à frente.

Outros exemplos também podem ser citados como o Design (principalmente gráfico), Artes Plásticas, o Artesanato, a Fotografia e etc., sendo cinco projetos considerados integrantes da espinha dorsal: os grupos Chico Science & Nação Zumbi e mundo livre s/a; o Acorda Povo (oficinas-show, realizados nos bairros populares da periferia de Recife); o *website Manguetronic* (primeira rádio na Internet da América latina) e o *Mangubeat* (programa de rádio local).

1.1.2. O movimento

Mesmo com toda essa efervescência em Recife, a Cena só começa a ser conhecida pela imprensa especializada nacional após o envio para mídia do texto *Caranguejos com*

²⁶ “(...) Quando surgiu o *Mangubeat* elas (as pessoas) abraçaram a nossa causa. A gente ganhou amigos. Os produtores de vídeo, o pessoal da fotografia, das artes plásticas, do teatro foram aceitando a idéia, trabalhando conosco, isto permitiu que o movimento estourasse fora da cidade”. In: Teles, José. *Do frevo ao Mangubeat*, pág. 329

Cérebro, em 1992. Inicialmente ele foi montado com a finalidade de ser um *release* para a divulgação do trabalho da turma Manguê, mas logo foi chamado de manifesto²⁷.

“Emergência! Um choque rápido, ou Recife morre de infarto! (...) O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. Em meados de 91 começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo é ‘engendrar um circuito energético’, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo, uma antena parabólica enfiada na lama”. (Caranguejos com Cérebro, primeiro manifesto Manguê por Fred 04 e Renato L.).

O núcleo de pesquisa era, na realidade, uma referência aos encontros e discussões levantadas pelo grupo, e nunca existiu como instituição.

O texto ajudou a despertar o interesse de grandes gravadoras, entre elas a *Sony Music*. Nesse período, Chico Science & Nação Zumbi dividiam as apresentações com o *mundo livre s.a.*, esse último de som puxado para o *Punk*, letras ácidas e de cunho político, mas que mesclava tudo com um cavaquinho típico de rodas de samba.

Em 1992, os dois grupos decidiram gravar uma coletânea, que seria chamada de *Manguê*. A idéia era montar uma produção independente, contendo as principais bandas da Cena. Infelizmente o projeto não foi realizado, pois no mesmo ano as bandas foram convidadas para uma turnê pelo país, que acabou sendo de apenas três shows, mas com grande repercussão.

Então, a multinacional *Sony Music* apresentou uma proposta de contrato para a Nação Zumbi, que resultou na gravação e lançamento, em 1994, do álbum *Da lama ao caos*. O disco continha a publicação do texto “Caranguejos com Cérebro” completo, e parte do quadrinho *Chamagnathus Granulatus Sapiens* (o da metamorfose homem-caranguejo) no encarte.

Esse episódio marcou a Cena, e chegaram a surgir rumores de conflitos entre Fred 04 (mundo livre) e Chico. Mas na verdade Fred e muitos dos integrantes da Cena participaram ativamente do planejamento do primeiro disco como “conselheiros” da Nação Zumbi. Como declarado por Renato L., havia uma grande preocupação em não se vender o Manguê, ou cair em uma vala comum da gravadora. Ao mesmo tempo, todos percebiam que essa era a oportunidade



Figura 1- Chico Science & Nação Zumbi

²⁷ Segundo declarações em entrevista de Renato L., em anexo.

para que a Cena começasse a ser reconhecida nacionalmente. A abertura para a Nação Zumbi traria, futuramente, a abertura para as bandas menores. Com isso, surgiram diversos conflitos entre banda (lê-se também os “conselheiros”) e gravadora.

Tendo iniciado a gravação no final de 1992, o disco só foi lançado em 1994.

Ao chegar no mercado nacional (mais precisamente no eixo Rio-São Paulo), logo começou a ser apontado como uma revelação musical, um novo estilo, a promessa de uma renovação na música brasileira, e entrou em quase todas as listas de melhores do ano nas revistas especializadas em música. Mas era no palco que Chico Science & Nação Zumbi impressionavam. Não havia na banda (e essa é uma característica até hoje) a bateria tradicional, comum aos grupos de diversos estilos; ela foi substituída pelos tambores de Maracatu, as alfaías. Assim, com uma música expressiva e uma batida forte (tambores e guitarras), eles chamaram a atenção de empresários de festivais, sendo convidados para tocar na Europa e nos Estados Unidos. Já em 1995, o grupo faz sua primeira turnê internacional e lança seu segundo álbum em 1996, chamado *Afrocibederlia*, atingindo grande vendagem.

A banda *mundo livre s/a* também lança seu primeiro disco em 1994, chamado *Samba Esquema Noise*, logo após a Nação, recebendo muitos elogios da crítica e sendo considerado um dos discos mais importante da música pop brasileira desde o Tropicalismo.

Em 1996, o grupo lança seu segundo álbum, *Guentando a Óia*²⁸, abrindo oportunidades para uma turnê internacional e recebendo também muitos elogios. Sempre engajado politicamente, Fred 04, líder da *mundo livre s/a*, é sem dúvida o maior articulador e ideológico da Cena Mangue.

“Eu acho que rock não tem que ser estúpido. O músico não só de rock, como de samba é um cara que paga aluguel, que paga imposto. Eu assinei contrato de exclusividade com a editora e 26% o imposto de renda me tomou e eu fico irritado porque eu não vejo nenhum retorno. Se eu precisar de uma assistência de saúde, por exemplo, eu tenho que pagar um plano de assistência privada, porque eu não vou contar nunca com um plano de saúde decente, mesmo sabendo que de cada três gotas do suor que derramo um vai para o governo. E seja sambista, ou seja roqueiro. Eu acho muito estúpido isso de associar a imagem do músico a um cara que vive em outra realidade. Por isso que minhas letras têm um conteúdo político, porque eu sou um ser político. E acho que todo mundo é, mesmo que não tenha consciência disso”.

²⁸ Expressão utilizada no Recife para dizer “levando a vida”

(In. Silveira, R. A. Da Mota. *Mangue: uma ilustração da grande narrativa pós-moderna*. 2002, PUC-Rio).

É importante ressaltar que uma característica forte das bandas do Mangue é a abertura dos shows por bandas de Recife menos conhecidas. É o que poderíamos chamar de “a banda estabelecida dando oportunidade a mais nova”. Assim foi com Nação e *mundo livre s.a.*, e ainda o é com muitos outros. Por isso, é comum ter em um mesmo show bandas de estilos completamente diferentes, como uma representação do Mangue, e da tal diversidade. O que gerou grande dificuldade para a imprensa, pois o Mangue não era ritmo, ou um estilo único, como por exemplo, o *Reggae* e o Axé baiano. Não possui uma batida certa ou um ritmo de base. Então como classificar ou descrever, para quem não vivenciava a Cena Mangue, o que era Manguebeat?

Em entrevista ao jornal O Globo, Chico fez a seguinte declaração:

“Não é uma questão de surto. Não pretendemos que o Brasil adoeça com a febre do Manguebeat. A gente não veio do nada, estamos trabalhando nisso há pelo menos quatro anos. (...) Não seremos a nova onda, mas o fortalecimento do nosso trabalho poderá melhorar a música no Brasil em geral”.

(jornal O Globo, Rio de Janeiro. Apud Teles, J., *Do Frevo ao Manguebeat*, pág. 332).

Além de ser uma estratégia para tentar “*resistir à lógica da cópia que impera na sociedade de consumo*”²⁹, pode ser vista também como uma boa estratégia de divulgação. Divulgação e destaque por meio da diferenciação, e pela resistência à massificação. Podemos dizer que é mais fácil agora compreender o porquê do Mangue ter sido rapidamente associado à “movimento” pela mídia. Esse momento, entre 1994 e 1997, é considerado como o período do auge do Mangue. Bandas que tocavam desde o mais tradicional forró pé-de-serra (Mestre Ambrósio, Cascabulho e etc.) até o mais *punk hardcore* (Devotos do ódio e Matalanamão) ganhavam espaço.

Essa explosão de bandas em Recife fez com que a cidade fosse também chamada (novamente pela mídia) de “Seattle brasileira”. Isso devido ao fato da cidade americana ter sido berço da eclosão de diversas bandas de *rock*, no final dos anos 80.

Mesmo assim, com tanto sucesso, as rádios locais e as pernambucanas não tocavam as músicas das bandas Mangue,



Figura 2- mundo livre s/a.

²⁹ *A diversidade em primeiro lugar*, entrevista com Fred 04 para o website *A falecida* (www.afalecida.com.br)

com exceção de “*A praia*”, que fazia parte da trilha sonora de uma das novelas da Rede Globo.

Pensando em uma melhor divulgação do Manguê, são criados (pelos próprios participantes da Cena) canais de comunicação que pudessem transmitir informações sobre eventos, política, comportamento, enfim, o universo Manguê. O primeiro canal foi o programa de rádio “Manguebeat”, veiculado em uma rádio FM, e o “*Manguetronic*”, um website que executou a primeira rádio via Internet da América Latina.

Em 1994, Helder Aragão (ou Dj Dolores) trabalhava com Marcelo Luna em um projeto da Tv Viva – ligada ao Centro Cultural Luís Freire – chamado “TV Cidadã”, que tinha trilha sonora composta por Fred 04. Luna havia recebido a proposta de montar um programa semanal para suprir um espaço na rádio Caetés FM, e que contou ao amigo Helder, e ambos convidaram os jornalistas: Renato L., Clarice Hoffman e Stela Campos. Renato e Stela, assim como Helder, estavam ligados à música e à Cena, ele como Dj e ela como cantora da banda *Lara Hanouska*.

O programa tinha como objetivo, além de divulgar a música que surgia em Pernambuco, expandir e consolidar as manifestações culturais. Sua estréia ocorreu no dia 12 de Janeiro de 1995, com um evento realizado na “Soparia” (bar que os amigos do núcleo base do Manguê freqüentavam assiduamente, e que foi o primeiro espaço a permitir a apresentação das novas bandas).

O programa “Manguebeat” ia ao ar de segunda a sexta-feira, das 20 às 21 horas, e desenvolvia alguns programas temáticos, principalmente em datas históricas, contando o outro lado das histórias oficiais.

A primeira fase do programa durou três anos sendo líder de audiência, e com ampla penetração na periferia de Recife, chegando a ter 40% dos telefonemas recebidos provenientes das regiões carentes da cidade³⁰.

Em 1998, o programa “Manguebeat” encerra sua atuação e só volta a entrar no ar em 2001, pelas mãos de Renato L., agora sendo veiculado pela rádio Universitária FM.

Em paralelo ao programa “Manguebeat”, Renato L. (o “ministro das comunicações” Manguê) desenvolve com o amigo e web *designer* Mabuse³¹, que já havia criado o *website manguebit* (www.manguebit.com.br), o programa Manguetronic. Ambos estavam motivados a divulgar e conhecer outras “tecnologias midiáticas”³².

³⁰ Segundo entrevista anexa in: Silveira, Roberto A. da M., *Manguê – Uma ilustração da grande narrativa pós-moderna*, PUC Rio de Janeiro, 2002

³¹ Também conhecido como Dj HD Mabuse ou cineasta Hilton Lacerda.

³² Segundo o próprio Renato L. em entrevista a esse trabalho.

Entrando no ar em abril de 1996, o *Manguetronic* apresentava seções de experimentação de rádios na web, as colunas *Verbum* (com textos de colunistas como Hermano Viana), *TopTen*, *Bookmarks* e *Notas*, além de disponibilizar músicas em formato mp3, na seção *MP3*, para os usuários. Na coluna *TopTen*, o usuário encontrava listagens dos “dez mais”: desde os dez melhores e mais baratos lugares para se comer em Recife, até os dez principais motivos para se viver, passando pelos dez melhores lançamentos de Djs do mundo, as dez melhores exposições de arte, as dez maiores lendas urbanas, enfim, quase “os dez mais” de tudo.

A outra ação promovida pela turma do Manguê, chamada “Acorda Povo”, tem seu nome inspirado em um cortejo popular realizado nas primeiras horas do dia de São João, acompanhado por cânticos e orações. Foi inspirado no lado itinerante do cortejo, que os grupos Nação Zumbi e Devotos, com apoio do poder público, criaram esse projeto “*Acorda Povo*”.

O objetivo principal era levar música e informação aos bairros carentes de Recife, através de eventos e oficinas de formação profissional.

É importante observar, que até o momento não falamos de um apoio explícito do governo ou de instituições ao Manguê. Não que esses apoios não tenham acontecido. Ocorreram de forma pontual, pois só ganharam maior expressão após a morte de Chico Science (da qual falaremos em seguida) e o estabelecimento da Cena Manguê como movimento cultural nacional. Mudando inclusive a nomenclatura de diversas ações, como por exemplo, o *Acorda Povo*, que agora é chamado de “projeto”.

Foi a uma semana do carnaval de 1997, no início do mês de fevereiro, em um acidente de carro na rodovia que liga Recife a Olinda, que Chico Science teve sua vida precocemente encerrada. O choque da notícia paralisou Pernambuco. Chico, nesse momento, já era visto como um ídolo, e principal expoente da Cena Manguê. As comemorações do carnaval foram suspensas e o governo local decretou luto por três dias. Segundo declarações de pessoas que estavam presentes ao momento da chegada da notícia em Olinda (local para o qual Chico se dirigia para encontrar os amigos em um bar), as ladeiras pararam. As pessoas nas ruas estavam comovidas, muitas choravam. A impressão que se tinha era que todos haviam perdido alguém muito próximo, muito íntimo. Os tambores silenciaram.³³ As cerimônias de despedidas foram assistidas por todo o país, e sua morte foi notícia internacional. Nascia então, o mito Chico Science.

³³ Segundo declarações de Melissa, em entrevista anexa.

“A perda de Chico abalou profundamente a Cena e principalmente o grupo Nação Zumbi. Todos os projetos foram suspensos e o grupo se fechou em luto por vários meses. Chegou-se a falar no afastamento das bandas e no fim da Nação.” (Teles, *Do Frevo ao Mangubeat*)

Em 1998, a Nação Zumbi lançou o álbum *CSNZ*, que reunia um material de sobras de estúdio, registros de faixas ao vivo e versões de outras bandas e Djs das composições do grupo. Já em 2000 a Nação lança o seu primeiro trabalho sem Chico, a *Rádio S.Amb.A.* (que significa: Serviço Ambulante de Afrociberdelia).

Foi um trabalho de desafio, pois era Chico que até então, escrevia todas as letras das canções. Mas, o resultado foi surpreendente. Com a publicação no jornal *The New York Times* do álbum, citado como sendo uma das dez melhores produções do ano de 2000, houve uma nova injeção de estímulo, não só à Nação como a toda Cena. O grupo, agora liderado por Jorge Du Peixe, retomou o trabalho e vem apresentando, em produções espaçadas, as características iniciais, o estilo e a batida forte da Nação Zumbi.

No período de morte de Chico Science, o antropólogo Hermano Viana escreveu o texto *Eu só quero fazer parte dessa nação*, em que um trecho relata:

“As honras estatais chegaram tarde: milhares de mangue-boys e mangue-girls já percebiam, há anos, que o Recife não era o mesmo. E que a morte de Chico não ia fazer o mundo e a cidade (que não pára, só cresce) voltarem pra trás. Todos tinham que continuar a viver no movimento deflagrado por Chico e pelo Manguê. A Nação Zumbi também tinha certeza, por mais destroçados que seus componentes estivessem, que o dever era continuar em ação (...)”.

E em outro trecho:

“O manguê reinventou o que é ser Pop no Brasil. Escutar, hoje, ‘Da lama ao caos’ e ‘Afrociberdelia’, os dois discos de Chico Science e Nação Zumbi, ainda é surpreendente. Como disse um crítico americano: aquela música não soa como nenhuma outra, como nada que o ouvinte tivesse escutado antes.”³⁴

Em 2004, a Cena Manguê completou dez anos, considerados a partir do lançamento nacional da Cena e dos álbuns *Da Lama ao Caos* (Chico e Nação Zumbi) e *Samba Esquema Noise* (mundo livre s.a.).



Figura 3- Chico Science
Foto: Agência Lumiar

³⁴ Viana, H., *Eu só quero fazer parte dessa nação*. In: Manguetronic (www.manguetronic.com.br)

Como parte do trabalho de comemoração destes 10 anos da Cena, uma série de *shows* foram realizados em todo o país, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Essas apresentações ajudaram a trazer novamente à tona todo o questionamento levantado pela Cena em seu surgimento, e ajudou a fortalecer e disseminar o que é e o que foi a Cena para a cultura musical.

Nos eventos ocorridos no Rio de Janeiro, chamados de festival Recicle, com base principalmente no bairro da Lapa, mas também com apresentações no Canecão (em Botafogo/RJ) o que podia ser observado era o crescente número de pessoas que, só agora, estão conhecendo o universo Manguê. Muitos se mostram surpresos frente ao “novo som”. Isso fez com que os manguéboys despertassem o interesse de uma outra parte do grande público e ganhassem mais espaço na mídia, sendo considerado como uma retomada do Manguê. O músico Lobão definiu em um vídeo comemorativo: “*existe o rock, existe o punk e existe o manguê*”³⁵.

Apesar de a Cena já não possuir a mesma força expressiva que tinha no seu auge, ainda mantém ativas diversas ações, principalmente as de cunho social. Porém, muitas dessas já são dirigidas e organizadas diretamente pelo Governo do Estado ou instituições como Senai³⁶, Sebrae³⁷ e ONGS.

Alguns dos integrantes da Cena já não residem mais em Recife, outros não atuam mais diretamente com música. Mas, o que é indiscutível, é sua importância na sociedade contemporânea recifense. A começar pelos diversos estudos que tiveram (ou têm) como objeto a Cena Manguê, e as tentativas de se traçar ou identificar quais as contribuições da mesma para a identidade Pernambucana, e a valorização da cultura regional pelas novas gerações.

1.2. A Estética Manguê

Passados dez anos, continua sendo muito difícil definir estilisticamente o Manguê. Por isso, propomos identificar algumas características estéticas de maior relevância, e que são percebidas em diversas manifestações artísticas daquele período.

Quando usamos o termo “movimento”, ou até mesmo “cena”, eles pressupõem, como já mencionado, por um ritmo ou batida de base que se tornam uma marca, o que não

³⁵ Vídeo comemorativo dos 10 anos do manguê em festa no Circo Voador/RJ

³⁶ SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

³⁷ Serviço Brasileiro de Apoio a Pequena e Média Indústria

aconteciam em Recife. A Cena Mangue abrigou produções com grande inserção de instrumentos usados no cancioneiro popular e/ou em manifestações folclóricas (alfaías, rabecas, triângulos e etc.). Fez uso também de batidas eletrônicas, baterias e guitarras. Se a proposta fosse apenas um ritmo *Pop*³⁸, em comunhão com um ritmo da cultura local, já produziria uma mistura eclética. Porém, a Cena acolhia as novas propostas estilísticas de forma irrestrita, gerando, como diz Stuart Hall, “*aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase (...) na diferença e no pluralismo cultural*” que são características do movimento de globalização da modernidade tardia (como um dos símbolos da Cena: a antena parabólica na lama).

Mesmo com tantas diferenças, alguns afirmam que é possível dividir o Mangue em dois grandes segmentos: “a fusão *rap*/repente e *hip-hop*/maracatu de Chico Science & Nação Zumbi” e “o *punk/samba-funky* do mundo livre s.a.”³⁹, ambos muito distantes esteticamente. Essas fusões confirmam o diálogo “entre tradição e modernidade, local e global”⁴⁰.

Outro ponto importante é o humor. Como descrito anteriormente, o Manguebeat surge, de acordo com seus participantes, de “*um pouco de diversão levada a sério*”⁴¹. Evidenciar as lendas e histórias populares da região e fazer delas referências do Mangue através das letras das músicas, foi uma das formas de expressar o humor e o lúdico. Esse humor aliado a uma certa dose de ironia crítica à sociedade era uma prática do Mangue, e ocorre em diferentes dosagens. Esse humor/crítico é a base também para o quadrinho “*Chamagnathus Granulatus Sapiens*”, do homem-caranguejo.

³⁸ *Pop* é usado aqui no sentido de músicas consideradas populares (gosto da massa) e de destaque na mídia naquele período/momento.

³⁹ In: *Mangue: uma grande ilustração da narrativa pós-moderna*.

⁴⁰ In: *Negociações na periferia: Mídia e jovens no Recife*.

⁴¹ In: *Caranguejos com Cérebro* (primeiro manifesto Mangue).



Figura 4- Cartazes de divulgação de *shows*

Fonte: www.amarencheu.com.br

A linguagem gráfica utilizada pelos grupos, em geral, recebia uma influência, em cores (uso de uma cor sobre fundo), linhas, tipografia e até mesmo da construção do texto, da literatura de Cordel. Se compararmos ambos, veremos as semelhanças entre os mesmos.

O sertão também exerce uma forte influência sobre a Cena. Tanto que uma das vertentes do Mangue, o cinema, recebeu o nome de *Árido Movie*. As abordagens fotográficas (com as paisagens marcantes do Nordeste, e principalmente as regiões do sertão), as questões morais (onde a palavra têm peso de contrato e os problemas são resolvidos na lei do “olho por olho e dente por dente”), rivalidades entre famílias e a fé (não só na religião, mas também nas lendas e na promessa de “um futuro melhor”), tudo isso, mas sempre em



Figura 5- Fonte: Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

uma abordagem dual. Em entrevista à Carlos Helí de Almeida, do *Jornal do Brasil*, Lírio Ferreira, o diretor de *Baile Perfumado* e de *Árido Movie* (nome dado ao longa em homenagem ao movimento cinematográfico pernambucano, segundo o autor), declara que:

“(...) Na verdade, os dois filmes fazem parte de uma mesma linha evolutiva. Em *Baile*, o passado dialogava com o futuro, com o nosso presente, através da música, das roupas dos personagens. *Árido Movie* faz o caminho inverso: é uma história atual, contemporânea, que se debruça sobre o nosso passado”⁴².

Ainda sobre *Baile Perfumado*, a revista *Continente Multicultural*, observa que:

“(...) representa um grande salto para o cinema de Pernambuco. O encontro de um Lampião e bando aburguesados, nunca vistos, com o inquieto fotógrafo-mascate libanês Benjamin Abraão reinventou a tradição dos filmes de cangaço. Mais do que isso: com impressionante sofisticação, o *Baile* exorbitava o pacto passional com o cinema já subscrito pelo cidadão Welles no *That's a Leró-leró*, o curta-metragem que o precedeu. O *Baile* contribuiu ainda para promover mais um encontro. O da estética do *Árido Movie* com a do *Mangue Beat*, cujos principais integrantes (Chico Science, Fred 04 e Siba) assinaram a excelente trilha sonora original do filme.”⁴³

O sertão de *Baile Perfumado* é um contraste de cores vivas e neutras da paisagem e rico em detalhes, principalmente nos figurinos, e com o humor presente em quase todos os diálogos. Já em *Árido Movie*, o humor é ressaltado pelas expressões locais, o que faz necessário um conhecimento deste linguajar. Essa característica, o uso de expressões regionais, (como “pantin” = ataque histérico, “güentando a ôia” = levando a vida)” também é comum nas letras das músicas do *Mangue*.

Outro ponto a ser mencionado são as performances de palco. Chico movia-se de forma desconecta, em passos quase pulados, fragmentados, ora com uma lentidão previsível ora em gestos rápidos e firmes, simulando danças populares, que dominavam todo o espaço livre do palco. As mãos quase sempre imitavam a forma da pata do caranguejo através do dedo indicador e médio. Sua linguagem corporal durante os shows, fez com que surgisse um “estilo Mangue” de dançar. Chico com frequência fazia uso de fantasias como, por exemplo, a de caboclo de lança.

Esse estilo “teatral” e expansivo exerceu influência também sobre outros cantores, como Fred 04, que trocou sua performance introspectiva por aparições mais interativas com o público. Assim como os gestos, há também o surgimento de uma linguagem em que os termos usados foram retirados do universo dos manguezais. Essas gírias espalharam-se



Figura 6- Chico Science

⁴² Almeida, Carlos Helí de. *Jornal do Brasil*, 09/09/2005

⁴³ *Revista Continente Multicultural*, N. 4 – Set/2001

rapidamente, fazendo parte, até hoje, do linguajar jovem de Recife.

O Mangubeat possui outra característica: a de configurar como uma cooperativa. Segundo declarações de Renato L.⁴⁴ o grupo confeccionava boa parte de suas roupas e acessórios, e todos os trabalhos eram desenvolvidos em grupo, além de uma produção extra, desenvolvida para venda em espaços como os shows.

“O poder coletivo cria uma obra de arte: (...) É, pois, a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de sentir em comum. Assim, retomo a concepção que Kant dava a *aisthêsis*: enfatizava-se menos o objeto artístico enquanto tal; valorizava-se o processo que me faz admirar este objeto.”
(Maffesoli, M., *Ética da Estética*, 3ed – Ciec / Ufrj. 1990)

O Mangubeat apresenta-se, apesar de não ter sido o objetivo inicial, como uma “ação”. As atividades práticas do grupo Mangu registraram um período e penetraram profundamente na sociedade local. Contudo, seu reflexo na elite é predominante e mesmo com muitos se mostrando afinados com o discurso proposto pelo Mangu, poucos parecem realmente abordar discussões e reflexões sobre o tema.

Estas “ações” são citadas em outros trabalhos como responsáveis por modificar a percepção do cidadão comum quanto à sua auto-imagem, o que não deve ser confundido com “auto-estima”, pois não foi possível saber exatamente como e quais agregações ocorreram. Assim, não podemos afirmar qual a contribuição real da Cena à formação do indivíduo pernambucano, e nem qual a mensagem transmitida pelo Mangu e a compreendida pela sociedade, visto que, como declarou Lacan, “*a comunicação repousa no mal-entendido*”,

Mas, essa movimentação de criar um conjunto de signos próprios do mangu como elementos de identificação, somados ao processo de desenvolver esses signos (criar um linguajar próprio, um sistema gestual, promover constantemente o diálogo entre a tradição e a modernidade e o comportamento de cooperação entre os membros), evidencia, como menciona Maffesoli⁴⁵, uma ligação “entre a emoção estética, a solidariedade e o complexo”. Os valores percebidos nesses produtos iam além da aparência, atingiam o campo simbólico, uma comunhão entre o imaginário popular e os conceitos de modernidade⁴⁶, mantendo como

⁴⁴ Entrevista em anexo.

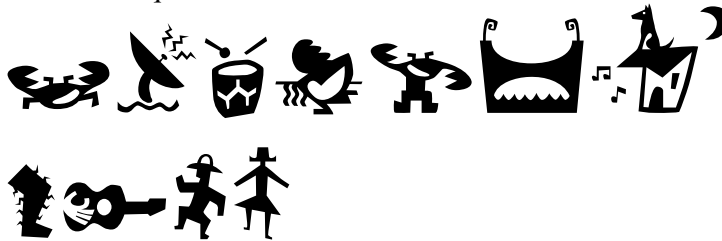
⁴⁵ Michel Maffesoli, em “*Ética da Estética*”.

⁴⁶ Modernidade no sentido de “o novo”, moderno, atual, global.

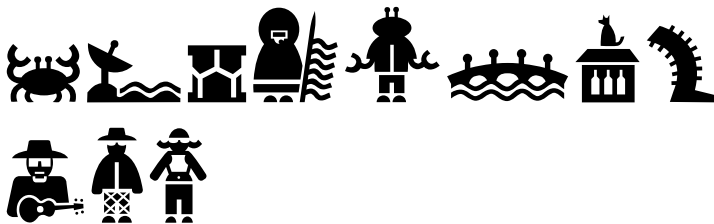
características o acúmulo de referências (culturais e políticas).

A pesquisa considerou, então, relevante inserir o CD *Manguebats*, lançado em janeiro de 2004 em comemoração aos 10 anos do *Manguebeat*, pelo Sebrae/PE. O CD apresenta um levantamento iconográfico feito a partir da análise de discos, cartazes, flyers, folders, matérias de jornais e revistas e entrevistas com pessoas envolvidas no movimento⁴⁷. Foram desenvolvidas quatro linhas gráficas com 26 caracteres em cada uma, todas com base na estética Mangue⁴⁸. As imagens representam de forma sintética o universo cultural explorado pelo Mangue. O nome *Manguebats*, segundo o material, veio da fusão de Manguebeat com dingbats⁴⁹.

A fonte tipográfica *Manguebat1*⁵⁰ representa o humor “fundamentado na ironia e na farra que permeiam o movimento” com predomínio da linguagem gráfica de revistas em quadrinhos.



Na *Manguebat2** os contornos são geométricos e os traços limpos, onde objetos são retratados em suas linhas essenciais. Aqui podemos considerar o global, e a uma ausência de identidade sobressaindo o neutro.



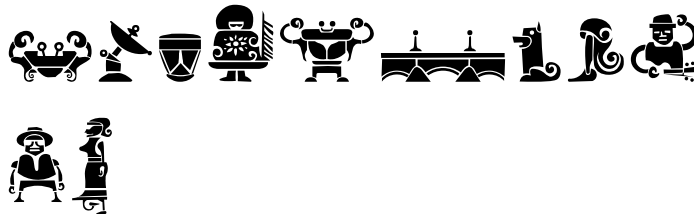
A *Manguebat3** apresenta contornos angulosos que remetem a “robôs pós-modernos”, aproximando-se de um universo urbano e tecnológico.

⁴⁷ Segundo declarado em encarte do Cd, pág 16. *Manguebats – Elementos da Iconografia do Movimento Mangue Beat*.

⁴⁸ Entendemos aqui como “estética Mangue” os itens já mencionados acima: humor, coletividade (caráter social), imaginário popular, influências da literatura de cordel e estética do sertão)

⁴⁹ Estilo de fonte feita em forma de desenhos, são possíveis diversos temas como aviação, onde cada letra do alfabeto é representada por um modelo de aeronave.

⁵⁰ In: *Manguebats– Elementos da Iconografia do Movimento Mangue Beat*, 2003



E, por fim, a *Manguebat4** com linhas expressivas e jogos de luz e sombra tenta retratar a realidade, foi inspirada em imagens de fotocópias, fanzine e no movimento *Punk*⁵¹.



A seguir uma descrição de cada elemento:



– Caranguejo – Símbolo da Cena Mangue, foi escolhido devido à relação estabelecida entre os cidadãos de Recife e os animais na obra de Josué de Castro, “Homens e caranguejos” de 1966.



– Antena Parabólica – Elemento que simboliza a ligação da cidade (Recife) com o mundo, caracterizando globalização e interatividade.

“O objetivo era engendrar um “circuito energético”, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.”⁵²



– Tambor Alfaia – Instrumento de percussão criado por escravos, utilizado no Maracatu, foi absorvido pelas bandas Nação Zumbi (que não possui bateria, e sim 3 tambores de Alfaia) e mundo livre s.a. (possui bateria e 1 tambor de alfaia). É característico por seu som grave e longo, e é responsável por parte da inovação musical do Mangue.

⁵¹ In: *Manguebats – Elementos da Iconografia do Movimento Mangue Beat*, 2003

⁵² In: *Caranguejos com cérebro*



– Caboclo de Lança – É, segundo a lenda, o protetor do Maracatu; sua indumentária é composta por peruca colorida de celofane, lança com cerca de dois metros de comprimento, guizos nas costas que produzem sons ao caminhar, e uma capa rebordada em paetês. Tradicionalmente, as capas são bordadas pelos homens para dar sorte ao cortejo. O Caboclo de Lança protege e abre caminho na multidão para o desfile do Maracatu. É símbolo de força e sobrevivência.



– Homem Caranguejo – Alusão ao texto de Josué de Castro que afirma que “no mangue, tudo é, foi ou será caranguejo, inclusive o homem e a lama”.



– Pontes de Recife – Cortada por rios, as pontes são ícones da cidade de Recife, também conhecida como “Veneza Brasileira”, possui ao todo 39 pontes. Recife é fonte de inspiração em diversas canções.



– Bares de Recife – O cachorro era o principal adorno do bar frequentado pelos músicos do Mangue, a Soparia. Lá ocorreram os primeiros shows das bandas do Manguebeat.



– Perna Cabeluda – Lenda surgida na década de 40, conta que, após um assassinato, as vítimas teriam declarado como autor do crime uma “perna cabeluda”. A mesma é mencionada em uma das músicas de Chico Science & Nação Zumbi.



– Cavaquinho – Instrumento utilizado no samba é presença constante em composições de algumas bandas, como por exemplo, no mundo livre s/a por Fred04. Outro elemento que confere diferencial ao som produzido.



– Mangueboy e Manguegirl – Segundo o manifesto “Caranguejos com cérebro”, são:

“(...) indivíduos interessados em quadrinhos, tv interativa, antipsiquiatria, Bezerra da Silva, Hip-Hop, midiotia,

artismo, música de rua, John Coltrane, acaso, sexo não virtual, conflitos étnicos e todos os avanços da química aplicada no terreno da alteração e expansão da consciência.”⁵³



– Bandeira do estado de Pernambuco – Idealizada em 1817, simboliza a paz, união, força, energia e fé do povo pernambucano. Seu uso foi popularizado após a Cena Manguê, evidenciando um caráter ufanista do movimento.



– Manguezal – Ecossistema conhecido por sua diversidade e riqueza biológica, está presente em quase todo litoral Pernambucano; por essas razões foi escolhido para nomear a Cena.

*“Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.”*⁵⁴



– Gestos de caranguejos – Usado como forma de cumprimento e aceno, o gesto mimetiza os movimentos das patas dianteiras dos caranguejos.



– Rabeca – Violino popular de braço curto é usado nos folguedos nordestinos; os rabequeiros tiveram grande importância em algumas bandas, destacando-se o trabalho de Mestre Salustiano.



– Alto José do Pinho – A figura representa a ala “punk, rock, hard core” do Manguê. Dessas bandas, grande parte surgiu no subúrbio de Recife, chamado Alto José do Pinho.



– Véio do Pastoril – Personagem de folguedo popular, sua função é dar o tom humorístico, perturbando as pastoras.

⁵³ IN: *Caranguejos com Cérebro*.

⁵⁴ In: *Caranguejos com Cérebro*

Elementos de sua indumentária foram utilizados na caracterização dos músicos em Shows.



– Roda de ciranda – Brincadeira e dança acompanhada de canto, onde os componentes em círculo movimentam-se imitando o balanço do mar. É um ritmo muito presente nas composições do mangue.



– Máscara do Caboclo de Arubá – Objeto que representa o Cavalo Marinho (tipo de folguedo da Zona da Mata em Pernambuco), é símbolo da Banda Mestre Ambrósio (Banda Mangue que mistura batidas de samba rural a outros ritmos).



– Comadre Florzinha – Lenda surgida nos engenhos da Zona da Mata, conta a história do fantasma de uma menina que se vingava de quem maltratava as plantas e os animais. Dá nome a única banda Mangue (e com forte batida de percussão) formada apenas por mulheres.



– Guitarra – Símbolo do *Rock and Roll*, é instrumento base nas bandas, independente do estilo.



– Computador – Um aliado da Cena, seu uso vai desde composições (“*computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro*”), levantamento de informações (“*Pernambuco conectado com o mundo*”) até como ferramenta de mídia (programa *Manguetronic*).



– Cerveja – Bebida popular de grande consumo entre os jovens, chegou a ser mencionada em letras das bandas (“*uma cerveja antes do almoço é muito bom pra ficar pensando melhor*”).⁵⁵



– Jukebox – Máquina de som com sistema de seleção musical à base de fichas, aparelho presente nos bares populares de Recife, e na Soparia (o bar oficial do Mangue).

⁵⁵ “A Praieira”, Cd *Da lama ao Caos* – Chico Science & Nação Zumbi.



– Landau – Carro fabricado pela Ford no Brasil, era o carro do músico Chico Science.



– Plug – Peça de conexão em equipamentos. Pela sua função conectora é considerada uma insígnia da Cena Manguê.

Manguebats – Elementos da Iconografia do Movimento Manguê Beat, 2003.